

Dia do Poeta.

Dia 20 de outubro comemora-se, aqui no Brasil, o dia do poeta e amante que sou da poesia, não poderia deixar essa data marcante da cultura passar sem a devida homenagem.

Poderíamos abordar as mais diversas expressões da poesia mundial, pois esta se destaca em várias culturas e épocas diferentes na história da humanidade. Com todo o carinho às poesias eruditas, mas desta feita quero alçar minha reflexão as poesias das culturas populares e estreitando ainda mais, quero tecer minha abordagem à poesia do nosso regionalismo gaúcho, pois a ela devo muito da minha formação cultural.

Como não lembrar, nesse ilustre momento, de vultos sagrados da nossa literatura, tais como: Luiz Menezes, Jayme Caetano Braun, Aureliano de Figueiredo Pinto, Apparício Silva Rillo, Luiz Coronel... E pra não dizer que não falei de flores, a admirável Jurema Chaves, e tantos outros poetas da literatura gaúcha.

Quantos sonhos foram embalados, quantas emoções foram traduzidas em lágrimas, a poesia tem esse poder... O poder de nos levar em uma viagem há outros tempos, recheados de emoções.

Já proferia o poeta: a poesia deve ser lida com o coração. Sendo assim, te convido caro leitor, a encantar-se com essa estilha de uma poesia de Luiz Menezes:

“Eu viverei no violão que a noite tomba.
Ante a janela da silente madrugada.
Eu viverei como uma sombra em tua sombra.
Como poesia em teu caminho derramada.
Pois nem o tempo apagará nossos amores.
Que floresceram de ilusão febril e mansa.
Quando eu morrer, eu viverei das tuas dores.
Pois te levando em minha última lembrança”.

O poeta é um ser especial, parece que não faz parte desse mundo terreno em que vivemos, pois, avista coisas, que nós pobres mortais não observamos; e consegue traduzir em palavras: sentimentos; vontades; saudades e angústias.

Transitei por essa crônica, perpetrando alusão aos poetas populares, mas não posso deixar de fazer esta justa homenagem, a um dos maiores poetas eruditos de todos os tempos, Mário Quintana... Lembro-me de uma de suas mais célebres frases: “os pais lembram que são pais e se esquecem que já foram filhos”. Mário Quintana era um ser de luz, um anjo em forma humana.

Despeço-me, como ele mesmo narrava:

“Eles passarão eu passarinho”.

